

Narrativas nas salas: pistas para deixar vaziar entre os cubos brancos do museu, da escola e da casa

Narratives in the rooms: clues to leak between the white cubes of the museum, school and home

Vinícius Abrahão de Oliveira¹
Daniela Franco Carvalho²

12

Resumo: O presente texto pretende remontar alguns aspectos das consequências da pandemia de covid-19 em instituições educacionais e outros espaços educativos, com foco nos museus, escolas e na casa. Com base na pesquisa narrativa, a escrita toma proporção ao dar corpo não só às palavras, mas também à busca para enfatizar a importância de se repensar esses espaços, assim como o próprio fazer e se fazer pesquisador.

Palavras-chave: Espaços educativos. Pandemia. Narração.

Abstract: This text aims to review some aspects of the consequences of the covid-19 pandemic in educational institutions and other educational spaces, focusing on museums, schools and the home. Based on narrative research, the writing takes on proportion by giving substance not only to the words, but also to the search to emphasize the importance of rethinking these spaces, as well as the do and do itself to becoming a researcher.

Keywords: Educational Spaces. Pandemic. Narrative.

1 O início é uma sucessão de finais

¹ Vinícius Abrahão de Oliveira é biólogo e doutorando em educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor de Ciências da Natureza na cidade de Uberlândia, atuando, no momento, como responsável pela formação continuada de Ciências no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE). É pesquisador no Grupo Amplia – Amálgama em Educação, Ciência e Arte. <https://orcid.org/0000-0001-6616-3505>. E-mail: abrahao@hotmail.com

² Daniela Franco Carvalho é bióloga com doutorado em Educação. Professora do Instituto de Biologia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É coordenadora do Museu de Biodiversidade do Cerrado e pesquisadora no Grupo Amplia – Amálgama em Educação, Ciência e Arte. <https://orcid.org/0000-0002-4476-7903>. E-mail: danielafranco@inbio.ufu.br

Recebido em 20/12/2023

Aprovado em 24/01/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Em 2020 o mundo todo teve de revisar comportamentos básicos procurando se proteger do mais novo vírus identificado, o SARS-CoV-2, causador da covid-19. As instituições, logicamente, não escaparam das novas regras, fazendo com que espaços como escolas e museus fossem fechados. Dado o contexto emergencial, esses espaços procuraram continuar os atendimentos de diversas formas, com pressão especial sobre as unidades de ensino escolar, uma vez que existe um aspecto legal de garantia do direito de oferta de educação básica por esses espaços.

Entre as saídas encontradas, o esperado aumento das atividades de forma virtual foi consequência, sendo que para Silva (2021), as ações virtuais por parte dos museus “caracterizaram-se muito mais como interativas do que reflexivas”. Quanto às escolas, em 2020, segundo o relatório “Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da covid-19 na Educação”, realizado pela UNICEF, “as principais estratégias não presenciais adotadas pelas redes municipais foram o uso de materiais impressos (95,3%) e orientações pelo WhatsApp (92,9%).”

As desigualdades, já presentes anteriormente, foram intensificadas, seja pela falta de acesso e permanência na escola, ou mesmo por diversas outras dificuldades encontradas, muitas delas associadas à ausência de internet ou aparelhos como celulares e computadores para assistir às aulas (UNICEF, 2020). Também é importante citar que, ainda segundo o relatório realizado pela UNICEF, “em novembro de 2020 mais de 5 milhões de meninas e meninos de 6 a 17 anos não tinham acesso à educação no Brasil. Desses, mais de 40% eram crianças de 6 a 10 anos, faixa etária em que a educação estava praticamente universalizada antes da pandemia.”

Mesmo com esse cenário de dificuldade ou mesmo ausência de acesso à educação escolar e aos museus, as ciências, pesquisas e pesquisadores estiveram mais vistos do que nunca, com grande repercussão nas diversas mídias, seja pelas mais novas informações sobre o vírus, sobre o uso adequado ou não de medicamentos, formas de prevenção para diminuição de risco de contágio ou pela tão esperada, ao menos pela maioria, vacina.

Entre as recomendações divulgadas por pesquisadores, esteve muito presente a importância de se estar em espaços amplos, abertos e bem ventilados. Com essa informação amplamente divulgada, se antes da pandemia a arquitetura dos espaços de ensino, especialmente as escolas, já era questionada, tanto do ponto de vista pedagógico como de saúde, com a descoberta da elevada taxa de transmissão do vírus em áreas mal ventiladas e com aglomeração, as críticas se intensificaram. Nesse sentido, Demuth e colaboradores (2021) questionam quais são os critérios para uma escola saudável, levantando que não basta avaliar apenas o projeto

arquitetônico e quais são os materiais a serem utilizados em sua construção. Mais importante que isso, é preciso também buscar um modelo participativo, de gestão democrática, que oportunize espaço para a educação integral do sujeito.

Assim como a estrutura desses espaços, também é importante discutir e atuar no entorno, avaliando a disponibilidade de áreas verdes, como praças e parques, uma vez que, além do estímulo durante a pandemia de se estar em espaços abertos, também já é amplamente pesquisado a importância desses espaços para a saúde não só das crianças, mas de todos (UNICEF, 2021). Vale somar também os dados coletados pela pesquisa “O papel da natureza para a saúde das crianças no pós-pandemia”, realizada em 2021 pelo Instituto Alana, Rede Conhecimento Social e pelo programa Criança e Natureza, em que 81% das famílias participantes da pesquisa apontaram que “o contato com a natureza permitiu que as crianças passassem pela pandemia com mais saúde e bem-estar” e que 75% dessas famílias pretendem aumentar a frequência de visitas a parques e praças e outros espaços públicos. O fato da importância de uma área externa se refletiu também no ambiente domiciliar, de forma que o uso dos quintais aumentou mais de 30% em comparação ao período anterior à pandemia.

O impacto na cidade alcançou os domicílios, sendo que o morar se transformou com o passar do tempo na pandemia. Carlos (2020) pontua que um dos impactos foi a invasão da esfera do trabalho no espaço doméstico, fazendo do que seria o ambiente privado, um espaço que não favorece o pertencimento, além de expor ainda mais as desigualdades sociais com sujeitos sem acesso às tecnologias, com insegurança alimentar ou mesmo sem a própria moradia, enfatizando hierarquias:

A cidade segregada salienta a justaposição entre a hierarquia social (promovida pela desigualdade dos indivíduos numa sociedade de classes) e uma hierarquia espacial (a localização e os acessos desiguais aos usos dos espaços-tempos da vida urbana), indicando o modo como se realizará a quarentena, momento no qual a cidade passa a ser o espaço do interdito (CARLOS, 2020, p. 14).

Um cenário de fechamento que também fez pensar na essencialidade do coletivo, da relação com o outro, para se pensar a cidade como espaço a ser ocupado, como direito de todo mundo. Não basta um retorno ao “novo normal”. É preciso rever e atuar no contexto para que se busque por mudanças efetivas, uma vez que nem mesmo a pandemia, e a consequente quarentena, alterou de fato cenários como o de emissão contínua de gás carbônico. A respeito disso, segundo texto de Moreira e colaboradores (2020), a cidade de São Paulo, que assim como outras metrópoles no mundo tiveram redução na emissão de gases como o carbônico no início

da pandemia, teve um aumento logo em 2020 devido também a manutenção do modelo produtivo. Uma manutenção de cidade, território educativo ocupado também por museus e escolas, que deve ser questionada para se valorizar, como contribui Demuth e colaboradores (2021) “a relevância do encontro, da criação sensível e das práticas coletivas como ferramentas pedagógicas.”

A respeito disso, e fazendo destaque à educação escolar, vale lembrar dois pontos da Lei 9.394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB), sendo um deles de que o ensino será ministrado com base em alguns princípios, dentre eles o de “valorização da experiência extra-escolar” e o primeiro artigo da Lei, do qual dispõe que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Somado a isso, e no que tange os museus, o Conselho Internacional de Museus (ICOM), organização não-governamental criada em 1946 e ligada à UNESCO, discutiu a Nova Definição de Museu a ser adotada pelos mais de 141 países filiados aos Comitês Nacionais e Internacionais. Contribuindo para o debate, o ICOM Brasil, após algumas etapas de consulta pública com a comunidade museal brasileira, selecionou 20 termos importantes para composição da Nova Definição de Museu, dos quais se faz destaque aqui aos termos:

Comunicar – Colocar-se em relação com a sociedade, dialogando de forma multidirecionada sobre a memória, o conhecimento e a vida em suas mais variadas formas. Instigar – Estimular sentimentos e reflexões para que pessoas e comunidades explorem percepções, ideias e valores na construção de novas narrativas e ações. Território – Espaço vivido onde se tecem relações entre poder, memórias, patrimônios e identidades. Sustentável – Práticas de governança, com respeito aos direitos ambientais, sociais e culturais em prol da formação de uma cidadania planetária (ICOM BRASIL, 2022).

Os termos sustentam a necessidade dos museus estarem envolvidos com o entorno e a comunidade, em um contexto ainda mais desafiador gerado pelas diversas crises atuais, de forma a serem espaços inclusivos, participativos e atuantes dentro das possibilidades institucionais.

Para onde ir?

A crise sanitária deixou ainda mais evidente a necessidade de não só repensar, mas buscar ações que alterem as dinâmicas institucionais para a educação. A pandemia demarcou desigualdades, agora vistas por meio das câmeras, nem sempre ligadas, das aulas virtuais. Ou mesmo na escassez desses recursos, uma vez que 86% dos gestores de escolas relataram a ausência de dispositivos nos domicílios dos estudantes, como tablets e computadores, e de acesso à internet, segundo dados do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (2020). Mesmo museus, que ofereceram atividades diversas e exposições virtuais, também encontraram dificuldade nesse alcance. Ainda assim, como pontua Helena Singer (2020), foi com o esforço do coletivo, com envolvimento da comunidade escolar, que as tentativas diárias de alcançar esses estudantes tiveram um vislumbre de participação e acesso à educação e à cultura, ainda que em uma jornada de trabalho que se confundia com o espaço domiciliar e a vida privada.

Ainda pensando com Singer (2020), é pertinente ressaltar o título de um dos textos escritos por ela durante a pandemia: “não voltar, recriar a Escola”. Para ela, é preciso recriar este espaço “para produção de conhecimentos voltados para o enfrentamento coletivo das questões que nos levaram à pandemia”. Com ações para “exploração corporal e de convívio com a natureza”. Ainda que a autora não mencione os museus, é possível fazer extensão à necessidade de também se recriar esses espaços, para que sejam mais inclusivos, participativos e visitados, tal como já se vê nas recentes discussões realizadas pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM).

Diante disso, é consequente pensar nesses espaços associados ao território que ocupam na cidade. Dinâmica que foi completamente alterada, principalmente no início da pandemia, tornando o espaço público como ruas, praças e parques frequentemente vazio. Porém, com o tempo, o ritmo frenético foi sendo retomado, mesmo no período com uma alta taxa diária de óbitos.

Mesmo diante de tantas desigualdades e cenários desesperadores, a cidade também é “palco” para várias experiências estéticas e educativas que ampliam experiências para além da rotina. Dinâmicas e ações que muitas vezes nem as grades curriculares das escolas emparedadas, nem os diversos salões de muitos museus conseguem alcançar. Talvez, salvo exceções, como o Acervo da Laje, “Casa, Museu, Escola”, como define os idealizadores. Um espaço museal independente localizado na Bahia, atuante nas associações com a comunidade que vive próxima ao local.

A nível do ensino superior, Zanella (2021) traz um exemplo pertinente da possibilidade de pensar a ampliação dos espaços institucionais, relacionando principalmente ciência e arte.

Em um exercício realizado com estudantes da pós-graduação em psicologia, a experiência na cidade ocorre enquanto prática e exercício estético que se estende não só para fora da sala, mas também para fora da universidade. A intervenção, feita em coletivo com o grupo de estudantes, consistiu em se atuar em uma área da cidade ocupada por um grande empreendimento imobiliário, um shopping, construído apesar dos vários protestos e denúncias da presença de uma área de preservação permanente no terreno. Com essa cicatriz já feita, o grupo atuou, no sentido artístico, como representantes e vendedores de um novo empreendimento fictício que seria construído no local. Fizeram uma maquete, panfletos e tiveram até mesmo uma pessoa vestida de jacaré em referência ao nome do empreendimento.

A ação teve diversas repercussões, evidenciando a polifonia da cidade, tanto com pessoas interessadas na compra, como outras indignadas por mais uma construção em local irregular. Um caminho para se pensar o processo educativo, associado à ciência, arte e cidade, dando destaque ao que talvez passaria despercebido, ainda que fosse mencionado em sala ou em uma exposição no museu. Caminho que pode ser relacionado ao que Santos (2021) discute, dando tom na importância do reparar:

A paisagem vista através do sentido estético, como na pintura, no cinema e na fotografia, permite visibilizar espaços ordinários, cotidianos, que no geral não recebem a mesma legitimação que paisagens “extraordinárias” presentes no imaginário social. Sem dúvida, é uma forma de compreender o mundo e a realidade, proporcionando a existência das impermanências dos espaços que cercam os seres humanos (SANTOS, 2021, p. 10).

Ainda nas lógicas das possibilidades de se pensar essas associações entre ciência, arte e educação, o coletivo “(se)cura humana” trabalha com a temática urbana associada principalmente à água, de forma a intervir na cidade por meio de pequenas instalações e performances que evidenciam, por exemplo, o soterramento de rios e nascentes, assim como a poluição desses elementos naturais. As intervenções são frequentemente participativas, envolvendo tanto o público de escolas e museus, como pessoas que passam pelo local. Ação que corrobora também com outra afirmação de Santos (2021):

A paisagem por meio da arte se transpõe, torna-se um aporte de deslocamentos e de encontros com novas formas de perceber, habitar e vivenciar o mundo. Isto é, não consiste ela em territórios compostos apenas de campo, montanha, mar, deserto etc., mas sim de fenômenos contrastantes entre orgânico e inorgânico, entre natureza e cultura, entre concepções de vida e conhecimentos da realidade (SANTOS, 2021, p. 2).

Extrapolar essas dicotomias impostas é um exercício de convite pessoal para se repensar e criar outros caminhos na educação, ainda que se espremendo entre conceitos, instituições e dizeres. A pandemia, apesar de tanto e longe de servir como alguma lição de moral, pode ser lida também como um outro caminho bruscamente tomado pela complexidade da vida e do viver que não se restringe a essas separações tão demasiadamente humanas. Uma forma de criar e ser que não é nem oposta nem similar a alguma ideia de bom ou ruim, desestruturando, ainda que provisoriamente, toda a lógica de funcionamento dos espaços, aqui, no caso deste texto, educativos.

Tendo isso em vista, algumas vezes, talvez, seja necessário apertar esses campos de saberes e atuação para analisar seus extratos, suas composições, seus corpos. É preciso confiar na força de criar, enquanto pesquisa, tendo a arte e o fazer artístico como convite à transposição, como propõe Santos (2021). A partir disso, entendendo que existem diversos caminhos para se pensar os espaços escolares e museais em um contexto pós-pandêmico, quais exercícios a relação professor-educador-pesquisador pode propor para tatear relações entre ciência, arte e educação?

Pesquisa e narra. Narra e pesquisa.

Em processos e buscas por essa relação complexa, a pesquisa narrativa ganha espaço e vai se aconchegando como quem sabe que sua chegada mais amplia do que invade o espaço. Entendendo a pesquisa como um campo relacional que parte da experiência, Clandinin e Connelly (2015) destacam que a escrita tem importância não só de registro, mas também de criação, movendo-se “do campo para o texto, e do texto de campo para o texto de pesquisa”. Como quem escuta e conta histórias, sendo cúmplice do que se estuda, se refazendo para “oferecer à pesquisa compreensões que podem levar a um mundo melhor”, não sendo possível, assim, “ficar silencioso ou apresentar um self perfeito, idealizado, investigativo, moralizante” (CLANDININ e CONNELLY, 2015, p 96).

Experiência que tem a intenção de caminhar também com as palavras, que para Bondía (2002), “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”. Notas que o autor pontua para se pensar sobre a experiência enquanto aquilo que não só passa, mas que é justo experiência por passar pelo sujeito.

Para Clandinin e Connelly (2015, p. 85), a pesquisa narrativa envolve uma tridimensionalidade: interação, continuidade e situação. Cada um deles ocupa um espaço de

forma que “os estudos têm dimensões e abordam assuntos temporais; focam no pessoal e no social em um balanço adequado para a investigação; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares”. Porém, é válido destacar que essa tridimensionalidade não é taxativa, no sentido de criar “limites artificiais e restritivos sobre a pesquisa”. Para os autores, “fazer pesquisa narrativa é uma forma de viver” (CLANDININ e CONNELLY, 2015, p. 129). Ponto que pode ser somado ao de Suárez (2017, p. 10), ao afirmar que “pode-se identificar no campo da pesquisa biográfico-narrativa uma variedade importante de estratégias metodológicas e um uso criativo e heterodoxo dos recursos de investigação.”

Sendo altamente relacional, perpassando assim pela experiência, cabe trazer também que “pesquisadores narrativos são sempre fortemente autobiográficos” (CLANDININ e CONNELLY, 2015, p. 165). Dessa forma, em um movimento de memória, mas também de criação, assumindo uma postura em primeira pessoa, dando voz como atualmente professor de ciências da rede pública municipal, como educador em museus e centros culturais que fui e pesquisador, agora como doutorando em educação, cabe delinear, sem que sejam criados muros, mas contextos, o que se segue como pistas para deixar vazar marcas espaciais e temporais, entre tridimensionalidades formativas, pandêmicas e futuras.

Sobre os espaços ocupados, é pensando com O’Doherty em seu livro “No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte” que se faz uma busca aqui por uma extrapolação. Ainda que o autor discuta o cubo branco na perspectiva das galerias, centros culturais e museus, expressão essa que de fato é geralmente associada a estes espaços, parece também fazer sentido pensar nos cubos brancos que formam as salas de aula e as salas de casa, ainda que entre aproximações e distanciamentos.

Para O’Doherty (2002), as salas das galerias se estruturam e produzem uma estética e lógica que direcionam o olhar do espectador, isso quando esse espectador é posto em cena, uma vez que não é incomum sua desconsideração pela instituição que se preocupa mais em manter um ar quase sacramental, e porque não excludente, do que inclusivo, democrático e participativo. Uma conjuntura ritualizada de uma determinada ideia do mundo das artes:

A galeria é construída de acordo com preceitos tão rigorosos quanto os da construção de uma igreja medieval. O mundo exterior não deve entrar, de modo que as janelas geralmente são lacradas. As paredes são pintadas de branco. O teto torna-se a fonte de luz. O chão de madeira é polido, para que você provoque estalidos austeros ao andar, ou acarpetado, para que você ande sem ruído. A arte é livre, como se dizia, “para assumir vida própria”. Uma mesa discreta talvez seja a única mobília. Nesse ambiente, um cinzeiro de pé torna-se quase um objeto sagrado, da mesma maneira que uma mangueira de

incêndio num museu moderno não se parece com uma mangueira de incêndio, mas com uma charada artística (O'doherty, 2002, p. 4).

Em que medida, a partir disso, as salas de aula nas escolas também não se estruturam em simbologias e rituais em uma arquitetura austera, rígida, mais excludente que participativa? Relembro Demuth e colaboradores (2021) ao questionar a construção de uma escola saudável, indo além da arquitetura em si, da disposição das mesas e cadeiras, ou mesmo da cor das paredes, geralmente brancas, fazendo mais um paralelo com instituições museais e expositivas. É pertinente destacar que certamente alguns fatores do cubo branco, como a escolha da cor das paredes e do teto, são corroboradas por questões que uma arquiteta compreenderia para favorecer a incidência de luz, por exemplo. Sem esquecer também que na diversidade de contextos escolares, a existência de um cubo branco é uma estrutura sonhada diante a falta de uma infraestrutura básica.

Entre outros cubos brancos, ainda que não institucionais, mas que certamente sempre foram impactados pelas instituições, algumas mais do que outras, as casas, mais especificamente a sala de estar, foram palco de um cenário que talvez nem os espaços de trabalho colaborativo já haviam recebido. Durante a pandemia, a mesa de jantar era também a mesa de trabalho, de escola, de visitas virtuais, de incontáveis encontros, videoaulas e reuniões virtuais. Papéis, planos de aula e edições de vídeos. Uma confusão generalizada entre espaços internos e externos.

Com a alta da vacinação, o número de óbitos reduzindo e a retomada de todas as práticas que colaboraram justamente para o surgimento de epidemias e pandemias, um ponto ficou marcado por aqui: as instituições reabriram, algumas ainda procurando investir nos encontros também on-line, mas ainda com funcionamento aparentemente muito similar ao período pré-pandêmico.

Os incômodos pessoais frente aos cubos brancos e suas retenções e rituais também continuaram por aqui. Nesse processo, a sala da casa, depois de invadida por tanto, de alguma forma também foi espaço para experimentações pessoais. Ações que agora na escrita podem ser pensadas com Clandinin e Connelly (2015, p. 120) como “a experiência da narrativa do pesquisador” ser “sempre dual, é sempre o pesquisador vivenciando a experiência e também sendo parte da própria experiência.” Por isso também uma epistemologia atrelada entre pesquisa e narra, narra e pesquisa. A escrita enquanto narrativa é uma forma que delinea saberes observados, mas também cria em processo conjunto, contínuo, inerente e consequente às ações de buscas bibliográficas, leituras e fazeres da pesquisa e do pesquisador:

As narrativas podem denunciar, compartilhar e/ou mudar modos de produção cultural e social, pois, aos desvelar momentos, imagens e visualidades de suas trajetórias, os indivíduos reorganizam a própria história criando laços de significado e coerência para eventos e acontecimentos marcantes ou, ainda, para aqueles que permanecem encobertos justamente porque não foram visitados com um olhar escrutinador e sensível (SOUZA E COLABORADORES, 2015, p. 13).

Nesse sentido, nesse fazer e se fazer pesquisador, entrelaçado também enquanto professor-educador, a escrita na pesquisa narrativa colabora dando vazão às vivências que, quando isoladas e sem sistematização, parecem não perfazer sentido epistemológico. Assim, escrever tem dado corpo para as experiências enquanto também espaços para criação, principalmente por meio de experimentações com cartazes, vídeos e outras linguagens que ainda estão em processo, mas que já inauguram vontades de alguma forma, criar por entre as brechas institucionais. Em movimentos ainda a serem inaugurados para se levar essas construções que surgem pela pesquisa-escrita para fora das instituições, em espaços abertos à circulação de pessoas, diversidades e desencontros próprios do dia-a-dia da cidade.

O fim de algumas páginas é um convite às próximas

Entendendo a importância das escolas, museus e do ambiente domiciliar, a proposta aqui não é de seu apagamento, como uma espécie de criminalização e responsabilização por qualquer culpa ou dificuldade de alcance. Esses espaços, como é próprio das instituições, precisam ser discutidos, experimentados, ocupados, porém, sem a sua esterilização, tão fortemente posta de diferentes formas: historicamente pelos silenciamentos e apagamento de tantas narrativas ou pela higienização literal em uma pandemia e o esvaziamento desses espaços.

O exercício aqui é principalmente enquanto sujeito professor-educador-pesquisador em movimento também de em algum momento se fazer artista, em proposta de criação das vivências, experiências e escritas delineadas em uma pesquisa narrativa que se pretende ganhar corpo no exercício de doutoramento e seus desafios acadêmicos. É importante entender aqui também, pensando com Torregrosa (2017, p. 310), que embora pontuado com o uso da escrita, os movimentos de se fazer pesquisador por meio da pesquisa narrativa não pretendem partir apenas da palavra escrita, nem mesmo da palavra falada. A ideia de se pensar em pistas que escapam, ao menos um pouco, das instituições, neste texto agrupadas da ideia do cubo branco,

também perpassa pelo questionamento da própria escrita enquanto única forma de pesquisar na narração.

Não pretendendo também ser um tópico resolutivo das causas da pandemia, assim como as consequências ocasionadas por ela, este texto buscou principalmente localizar e traçar um histórico. Marcas e percepções na intenção de abrirem portas das vivências nos processos e espaços educativos, buscando contribuir para o debate de recriação desses espaços e não apenas sua reprodução já notadamente insuficiente frente a tantos desafios apresentados pela vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr., 2002.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A “revolução” no cotidiano invadido pela pandemia. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) (2020). **COVID-19 e a crise urbana** [recurso eletrônico]. São Paulo: FFLCH/USP. p. 10-17. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15386/gesp_covid_19_e_a_crise_urbana_2020_corrigido_1.pdf?sequence=1#page=10>. Acesso em: 01 jul. 2023.

CETIC.BR; NIC.BR. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras - TIC Educação 2020**. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124200731/resumo_executivo_tic_educacao_2020.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015, 250p.

DEMUTH, Mariana Campos. et al. **Escolas saudáveis: o papel do território educativo no contexto da pandemia de Covid-19**. Cadernos do Aplicação. UFRGS: Porto Alegre. v. 34. 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/111182>>. Acesso em: 02 jul. 202.

ICOM-BRASIL. **Os 20 termos escolhidos pelo ICOM Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?page_id=2249>. Acesso em: 11 jul. 2023.

INSTITUTO ALANA e CEPEDISA. **Dossiê Infâncias e COVID-19: os impactos da gestão da pandemia sobre crianças e adolescentes**. 2022.

INSTITUTO ALANA; REDE CONHECIMENTO SOCIAL e PROGRAMA CRIANÇA E NATUREZA. **O papel da natureza para a saúde das crianças no pós-pandemia**. 2022.

MOREIRA, Gregori. et al. **Como a pandemia SARS-Cov2 (Covid-19) pode influenciar na qualidade do ar na cidade de São Paulo**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 2020. Disponível em: <[http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-institucionais/usp-cidades-globais/artigos-digitais/pandemia-qualidade-do-ar-sao-paulo#:~:text=al.%2C%202020\)%2C%20a, varia%C3%A7%C3%B5es%20na%20qualidade%20do%20ar](http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-institucionais/usp-cidades-globais/artigos-digitais/pandemia-qualidade-do-ar-sao-paulo#:~:text=al.%2C%202020)%2C%20a, varia%C3%A7%C3%B5es%20na%20qualidade%20do%20ar)>. Acessado em: 20 abr. 2022.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. [tradução aos cuidados de Carlos S. Mendes Rosa]. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SANTOS, Damaris de Lima. **Poéticas do Deslocamento – Um despertar dos sentidos corpóreos para a produção e fruição de Arte Contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Arte) - Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto. Porto. p. 93. 2021.

SILVA, André Fabrício. Pandemia, museu e virtualidade: a experiência museológica no “novo normal” e a resignificação museal no ambiente virtual. **Anais do Museu Paulista**: São Paulo. Nova Série. v. 29. 2021.

SINGER, Helena. **Não voltar, recriar a Escola**. Centro de Referências em Educação Integral, 2020. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/nao-voltar-recriar-escola/>>. Acesso em: 09 jul. 2023.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Pesquisa Narrativa: outras formas de conhecer. In: **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C. (Org.). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

TORREGROSA, Apolline. Da arte e da Narração à sensível textura de nós. In: **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C. (Org.). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

UNICEF. **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação**. CENPEC. 2021.

ZANELLA, Andréa Vieira. Educação estética, docência e experiência: entretecendo ciência, arte e vida no encontro com memórias esquecidas da cidade. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. PPGE/UNESA: Rio de Janeiro. v. 18, n. 54. 2021.